

Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias

Balduino Antonio Andreola*

Resumo

Paulo Freire escreveu em sua Terceira carta pedagógica: «Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.» (FREIRE, 2000, p. 67). Nessa perspectiva, a educação não pode restringir-se aos problemas de sala de aula. Na sua necessária dimensão ético-política precisa contribuir para a solução de problemas hoje tão graves, que dizem respeito à própria sobrevivência da humanidade e do planeta como um todo. Trata-se, pois, de pensarmos a educação em termos de urgência máxima, ou de situações-limite planetárias. O objetivo principal deste artigo¹ é o de buscar, tanto nas obras de diferentes autores, quanto em projetos inovadores, elementos para aquela que denomino *pedagogia das grandes urgências*. A pergunta que levanto, para mim e para os que me lerem, é esta: qual a contribuição que cabe darmos, como educadoras e educadores, para a construção de um mundo mais humano e solidário, numa época que muitos estudiosos consideram caracterizada por diferentes e cruéis formas de barbárie?

Palavras-chave: educação; urgência; barbárie; esperança; diálogo.

For a pedagogy of the great planetarian urgencies

Abstract

Paulo Freire wrote, in his Third Pedagogical Letter: «*education alone does not transform society, without it, society does not change either.*» (FREIRE, 2000, p. 67). In this perspective, education cannot restrict itself to the problems of the classroom. In its necessary ethic-politic dimension, it must contribute for the solutions of problems so serious today, that they concern with the surviving of the very humanity and of the planet as a whole. It is at stake, therefore, of thinking the education in terms of maximum urgency, or of planetary limit-situations. The main goal of this article is to quest in as much in works of different authors as in innovator projects, elements for that one I name *pedagogy of the great urgencies*. The question that I raise, for me and for those who read me, is this: Which is the contribution that falls to us to give as educators, for the building of a world more humane and having solidarity, in an age that many scholars consider characterized by different and cruel forms of barbarity?

Keywords: education; urgency; barbarity; hope; dialogue.

* Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS), e vinculado ao Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Introdução

[...] o muito que me falta
para saber ajudar na construção
do edifício humano da alegria
. não aprenderei, estou seguro,
indo às fontes dos clássicos
(que aliás acabo de reler);
nem na compreensão científica perfeita
de tua formação social, minha pátria amada;
muito menos nessas discussões teóricas,
que ainda me fascinam tanto, mas não tanto,
em que os elegantes cientistas sociais
se comprazem em transformar
crianças que morrem de fome
. são trezentas por minuto
só na América Latina .
em precioso e químico elemento
para uma argumentação brilhante.
[...]

(Thiago de Mello, 1978, p. 9)

Quando pequeno, com sete anos, depois de ouvir, nas aulas de catequese, a poética narração bíblica da criação da Terra, destinada a ser a moradia da humanidade, não conseguia entender o anúncio do fim do mundo. Na minha mente infantil, parecia-me que o Criador agiria como a criança que, depois de divertir-se com seu brinquedo, decide quebrá-lo. Mas nunca me autorizei a refletir sobre este problema, porque sendo a Bíblia palavra de Deus, seria pretensão minha procurar as razões de tal decreto divino. Hoje, com o conhecimento científico que temos do universo, sabemos que a finitude faz parte da sua constituição material, como a morte é igualmente destino certo dos seres humanos. A quebra do precário equilíbrio entre os corpos celestes pode significar a desagregação deles. O fim do nosso planeta poderá acontecer assim, um dia, através de uma formidável explosão cósmica.

Eu escrevi este artigo há vários meses. Mas, hoje (21/06/2011), leio com surpresa, na coluna do L. F. Veríssimo (*Zero Hora*, p. 2) intitulada "O fim do jogo: Renso: daqui a alguns milhões de anos, o Sol vai explodir, a Terra vai virar cinza e nada disto terá muita importância". Antes mesmo, porém, que essa explosão ocorra, a vida sobre o planeta pode ser inteiramente destruída por um incêndio total, ou por um dilúvio que submergirá todos os espaços habitáveis. A destruição da camada de ozônio, o deflorestamento, o degelo nos polos e nas montanhas nevadas, a poluição das águas, da atmosfera e dos solos parecem irreversíveis. Não se trata de retórica ou ficção literária, mas de informações

Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias

científicas amplamente divulgadas através da mídia. Duas terríveis guerras mundiais do século XX não serviram de lição a fim de que os povos buscassem outros meios para a solução de seus problemas. Felizmente, não haverá uma terceira guerra mundial. É o que pensamos. Na verdade, a terceira guerra está em curso, há muito tempo, em dezenas de conflitos disseminados no planeta, consequência de ódios milenares, ou como exigência mercantilista das indústrias bélicas. Mas há outras formas de guerra, não menos sanguinárias, como a onda crescente de violência, no Brasil e em muitos outros países, que, associada à guerra transnacional do tráfico de drogas e de armas, tem como saldo mais doloroso altos índices de autodestruição ou de assassinatos de jovens.

Diante dessas poderosas forças de destruição da vida no planeta, enquanto educador me pergunto: "Estes problemas devem ou não permear nossas práticas educativas, em sala de aula, nas escolas, nas universidades?" Essa pergunta, aparentemente simples, esclarece o alcance do título deste escrito. A resposta a encontro em Freire quando nos conclama, com relação à urgência do problema ecológico:

A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador. (FREIRE, 2000, p. 67)

As grandes urgências

Leonardo Boff inicia seu livro *Saber cuidar* (1997, p. 17) declarando que o mesmo vem escrito a partir de uma perspectiva de urgência. Sem recorrer à palavra "urgência", na mesma linha de pensamento, porém, já em 1955, depois de salientar a ideia de "uma única Humanidade", Paul Ricoeur escreveu:

Pode-se mesmo dizer que o perigo nuclear nos faz ainda um pouco mais conscientes dessa unidade da espécie humana, de vez que, pela primeira vez, podemos sentir-nos ameaçados em nosso corpo globalmente.

A reflexão de Ricoeur sobre a ameaça nuclear lembra a de Mounier (1962, p. 356-357), que, após Hiroshima e as experiências nucleares nas ilhas Bikini, escreveu que a humanidade foi surpreendida por um poder único, ou seja, "o poder de explodir o planeta". Segundo ele:

Agora a humanidade como tal deverá escolher, e precisará, com certeza, de um esforço heróico para não escolher a facilidade, o suicídio. Pode-se dizer que sua maturidade começa neste momento. (MOUNIER, 1949, p. 356-357)

À ameaça nuclear acrescenta-se hoje o problema ecológico. Dados estatísticos de pesquisas disponíveis na internet mostram que a resistência do planeta às agressões que vem sofrendo chegará ao seu limite máximo até 2050.

Balduino Antonio Andreola

Na palavra *urgência* ou na *urgência* extrema dos problemas apontados, o tema perpassa vários pronunciamentos do Fórum mundial para uma teologia de libertação global, realizado em Porto Alegre, simultaneamente ao 3º Fórum Social Mundial, em 2003, e documentado no livro intitulado *Teologia para outro mundo possível* (SUSIN, 2006). Na sua apresentação, sob o título *Quas utopias urgentes para o século XXI*, o teólogo já citado, Leonardo Boff (p. 239), declara: *Vivemos no olho de uma crise civilizacional de proporções planetárias. Toda crise oferece a chance de transformação, bem como o risco de um fracasso desolador.*

A caminho da barbárie

O filósofo brasileiro Rouanet (2003) também fala em *crise*, caracterizando-a como *barbárie*, em seu livro *Mal-estar na Modernidade*. No primeiro capítulo, intitulado *Luminismo ou barbárie*, ele escreve:

Em suma, no Brasil e no mundo, o projeto civilizatório da modernidade entrou em colapso. [...] como a civilização que tínhamos perdido sua vigência e como nenhum outro projeto de civilização aponta no horizonte, estamos vivendo, literalmente, num vácuo civilizatório. Há um nome para isso: barbárie. (ROUANET, 2003, p. 11)

As manifestações de brutalidade são tantas e de tal magnitude, que com razão nos levam a pensar em barbárie para defini-las. Paulo Freire inicia o último texto escrito por ele, a *Terceira carta pedagógica*, com este *grito* de espanto e indignação:

Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de ônibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. (FREIRE, 2000, p. 65)

Apavorado perante a chacina inominável das crianças da Candelária, Herbert de Sousa, o Betinho, se perguntava: *Que que estamos fazendo de nossas crianças?* E diante do assassinato da inocente Isabela, o Brasil e o mundo continuam se perguntando: *Como é possível tamanha brutalidade?* Os meninos da Candelária assassinados naquela noite foram oito. Mas o dado que leio no livro *Um mural para a dor* (BIRMAN; LEITE, 2004, p. 79) é muito mais estarrecedor:

Desde a chacina da Candelária, em 1993, 43 meninos de rua do grupo de 72 crianças e adolescentes que moravam na praça foram mortos. Com exceção das primeiras oito mortes da chacina, que causaram comoção internacional, todas as outras haviam ocorrido no anonimato.

O processo de *extermínio* veio de novo à tona com o assassinato de um dos sobreviventes da Candelária. No livro citado, Rosilene Alvim e Eugênia

Paim, num capítulo intitulado "Em busca da memória de Sandro do Nascimento", informam (p. 104): "Sandro acabou morto dentro de um camburão, estrangulado pelos policiais do Bope".

Não precisamos de estatísticas para explicar a barbárie. Basta a foto vencedora do Prêmio Pulitzer, tirada por Carter, em 1994, durante a fome que assolou o Sudão. Uma criança agonizante rasteja na direção do campo de alimentos da ONU. Atrás dela, um abutre aguarda que ela morra para devorá-la. Diante de cenas como aquela, todos nos sentimos desumanizados. O fotógrafo não resistiu. Suicidou-se três meses depois. Em nível internacional, a humanidade toda sonhava, talvez, que horrores como o "holocausto" nunca mais aconteceriam. Mas o sonho foi desmentido por dez anos de atrocidades do regime estabelecido na Sérvia por um novo Hitler, Slobodan Milosevic, o carrasco dos Balcãs.

Apontar alguns fatos monstruosos, no âmbito restrito de uma família, de uma cidade, ou personificados em tiranos como Hitler, Milosevic ou Saddam Hussein, pode ser uma armadilha ideológica fácil para disfarçar genocídios em massa, dos quais são responsáveis as grandes potências do planeta, como nas duas guerras mundiais, na guerra da Indochina, na do Vietnã, nas duas guerras do Golfo, na guerra do Afeganistão. A humanidade inteira deplorou, com justiça, o maior ato terrorista de nossos tempos, com centenas de vítimas inocentes, na queda das Torres Gêmeas, no dia 11 de setembro de 2001. Mas aquele 11 de setembro não pode apagar da história e da memória humana o outro 11 de setembro, o de 1973, quando os militares americanos se transformaram em carrascos do povo chileno, ao bombardearem o Palácio de La Moneda, instaurando a ditadura Pinochet, uma das mais bárbaras da América Latina. A era Pinochet não pode ser, porém, pretexto para esquecer outros períodos, igualmente sanguinolentos, como os dos regimes militares do Brasil, do Uruguai, da Argentina, do Paraguai, de El Salvador.

Foi emocionante e justa a homenagem às vítimas, junto aos destroços das Torres Gêmeas, no primeiro aniversário daquela tragédia. Durante algumas horas, os nomes de cada uma das vítimas foram sucessivamente evocados por personalidades representativas da sociedade americana, que se sucederam naquele palco da dor e da prece. Podemos perguntar-nos, porém, quantos dias, em lugar de horas, haveria de durar o rito, se o mesmo se destinasse a nomear e homenagear as vítimas das guerras perpetradas pelos países colonialistas e imperialistas. Frei Bartolomé de Las Casas (2001) escreveu que, em 40 anos, os espanhóis haviam assassinado doze milhões de indígenas. E o escritor Eduardo Bueno, que organizou a publicação dos seus escritos (p. 27), mostra que hoje o extermínio continua, agora com certa "perfeição", graças aos armamentos muitos mais sofisticados. Há uma lista infinita de nomes que serão evocados apenas nos templos anônimos da dor de milhões de famílias. Milhões de mães anônimas terão sua voz expressa no clamor das corajosas mães da Praça de Maio, ou no *Mural para a dor* do Rio de Janeiro (BIRMAN; LEITE, 2004).

Balduino Antonio Andreola

O tema da barbárie ocupa muitas páginas dos filósofos frankfurtianos, Horkheimer e Adorno. A presença da barbárie ou a perspectiva de seu retorno fez parte do contexto sociocultural de Adorno, desde a ascensão do nazifascismo em 1933 até sua morte em 1969 (ZUIN et al., 2000, p. 129). O filósofo francês Jean-François Mattéi (2002, p. 18-19) escreve:

Não podemos deixar de salientar que o conceito de barbárie, em Horkheimer e Adorno, assim como em Benjamin nas suas teses de 1942 sobre a história, é utilizado como uma categoria filosófica inteiramente pertinente para revelar as opacidades da época.

O mesmo filósofo (Ib.: p. 51) lembra pensadores tão diferentes, entre outros, como Spengler, Bernanos, Valéry, Simone Weil, Ortega, Max Scheler, Castoriadis, Edgar Morin, Levinas, George Steiner, além dos frankfurtianos já citados, que, segundo ele:

[...] discerniram no mundo moderno, ou na sua fratura pós-moderna, a escalada de uma nova barbárie. Essa barbárie reflexiva, [...] ainda mais aterrorizante por não alcançar, por meio de crises brutais, apenas o Império Romano, protegido atrás de seus limites, e sim o planeta todo submetido a um furor contínuo e sem limites [...].

Mattéi dedica longas páginas à barbárie na educação, ou da educação, ou seja, como fruto dos seus desmandos ou de seu fracasso, e traz, como reforço a suas argumentações dados estatísticos impressionantes da violência nas escolas de países altamente escolarizados, como Estados Unidos e França.

Questionado por Isabelle Richebé, Guy Coq, outro filósofo francês de hoje, responde:

Nesta palavra . barbárie. que é ao mesmo tempo muito antiga e muito vaga, podemos entender antítese da civilização; não é apenas ausência de cultura mas realmente antítese da civilização, ou seja, o aparecimento de fenômenos desumanos em massa que desembocam em tratamentos extremamente perversos com relação ao homem. [...]. Há, na ideia de barbárie, muito mais do que naquela de totalitarismo, a noção de destruição de humanidade, daquilo que a cultura produziu de melhor para a humanidade. Portanto, neste sentido é a antítese exata da ideia de civilização. (COQ; RICHEBÉ, 2002, p. 77-78)

Num livro coletivo, de 65 coautores (ZIELINSKY et al. 2004), sobre a paz, Valdo Barcelos (Ib., p. 204) intitula seu texto, paradoxalmente, Barbárie Global, e inicia citando cinco cidades que viraram manchete no mundo inteiro: Beer Sheva, Bagdá, Moscou, Beslan e São Paulo. Ele se pergunta qual a razão de tanto destaque. E responde: . infelizmente a barbárie. Nas quatro primeiras,

Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias

a barbárie do terrorismo. Quanto a São Paulo, o tipo de violência é outro, como declara Barcelos (lb.: p. 204)

Refiro-me à recente onda de assassinatos de moradores de rua em São Paulo. [...] Aqui são seres humanos . isto mesmo, seres humanos . que saem à noite, mascarados, para praticar um esporte macabro: matar moradores de rua na cidade mais desenvolvida e rica do país.

Esta ideia de %barbárie total+, de Barcelos, e a de Guy Coq, da barbárie como %antítese da civilização+, faz pensar na %violência absoluta+, como é descrita por Maurice Bellet, em entrevista a *Le Monde* (04/09/2009). Segundo ele:

A violência absoluta é um poder que se apresenta trabalhando para o bem do homem, que pode inclusive ter discursos que se pode ratificar, ao passo que opera a sua destruição. [...] O que é assustador é que depois que a violência absoluta está instalada, ela é invisível. O bom inquisitor é um homem piedoso e generoso. [...] A violência absoluta poderia então existir para nos mergulhar num funcionamento puramente econômico que vai tragando tudo, em meio a seres humanos completamente acéfalos, desumanos.

A caracterização de São Paulo como a cidade %mais rica e desenvolvida+do país lembra-me que Menegat, em seu livro *O olho na barbárie* (2006), intitula o segundo capítulo %Civilização em excesso+, e em epígrafe, cita Marx:

Nas crises declara-se uma epidemia social que teria parecido um contrassenso a todas as épocas anteriores . a epidemia da superprodução. A sociedade vê-se de repente transportada a um estado de momentânea barbárie [...] E por quê? Porque a sociedade possui civilização em excesso. (MENEGAT, 2006, p. 47)

Esta ideia de uma %civilização em excesso+ traz à minha memória uma carta que recebi de Paulette Mounier, esposa de Emmanuel Mounier. Em 1986 ela participou, em São Paulo, com uma comitiva de umas trinta pessoas vindas da França, de um seminário internacional intitulado %A caminhada da América Latina rumo à democracia e à libertação: Contribuições do pensamento e do testemunho de T. de Chardin, E. Mounier e L. J. Lebrét+. Depois do evento, ela me escreveu de Châtenay-Malabry uma carta na qual se dizia impressionada com o clima de %profunda espiritualidade+ que percebera no Brasil, num contraste com *Le vide*, e esclarecia que era o título de um livro publicado naqueles dias. Esta sensação triste do %vazio+(*le vide*), da carta de Madame Mounier, eu a associei a uma análise severa e melancólica que seu marido, Emmanuel Mounier, fez, em 1948, da civilização do bem-estar, num texto intitulado %Du bonheur+(MOUNIER, 1963). Mais que uma análise, diria que é uma meditação muito séria que ele faz em torno daquela que era considerada a

Balduino Antonio Andreola

experiência melhor sucedida, a da Suécia, de uma civilização do bem-estar. %A Suécia+. afirma ele . %b profundamente coletivista sob aparências liberais+. Provavelmente, uma das características da social-democracia que, já naquela época, Mounier considerava a menos autêntica das propostas de socialismo, muito em voga na Europa, e que muitos veem hoje como a melhor saída para o Brasil ou para a América Latina. Mas Mounier não se limita a uma análise política ou econômica. Seu questionamento é muito mais radical quando declara: %O que o socialismo faz das coisas, nós já o deixamos entrever. O que faz ele dos homens? Esta é a pergunta que é preciso propor-lhe agora+ (MOUNIER, 1963, p. 264). Depois de um olhar atento e melancólico sobre a paisagem de individualismo, de solidão, de vazio profundo, Mounier conclui com duas perguntas muito mais decisivas: %O homem é feito para o bem-estar? Pode ele, no bem-estar, guardar a paixão de Prometeu e a divina ternura da piedade?+(1951, p. 281). A carta de Madame Mounier e a medição de seu marido deixam evidente que, por trás do %vazio+imenso da civilização do bem-estar, que evolui para a %barbárie+, há uma sede imensa de espiritualidade e de solidariedade.

Luis Fernando Veríssimo (2008) junta-se aos muitos pensadores que denunciam a barbárie dos %civilizadores+num livro de crônicas intitulado *O Mundo é Bárbaro . e o que temos a ver com isso*. Numa crônica sobre a execução de Saddam Hussein, intitulada ironicamente %Bárbaros+, lembra que a Inglaterra obrigou os hindus a abandonar suas culturas tradicionais para plantar o ópio e depois foi à guerra para obrigar os chineses a importá-lo. Um detalhe daquela guerra: %p.a.] a rainha Vitória se declarou chocada com os bárbaros chineses em revolta contra os ingleses [...]+. E o Veríssimo pondera, com sua tradicional ironia:

Havia sempre bárbaros convenientes nas fronteiras dos impérios: orientais fanáticos, monstros primitivos, dervixes messiânicos, tiranos sanguinários. Legitimavam a conquista colonial, transformando-a em missão civilizadora, enobreciam a raça conquistadora pelo contraste e . em episódios como a Guerra do Ópio . disfarçavam a barbaridade dos civilizados com a truculência já esperada de raças inferiores. (VERÍSSIMO, 2008, p. 117-118)

A barbárie avança como os *icebergs* imensos que se desprendem dos polos, ameaçando não deixar vestígios do processo civilizatório.

Situações-limite planetárias

Ao enunciar já no título o conceito %urgência+, preocupe-me de que poderia ser considerado genérico, retórico até, não conseguindo expressar a gravidade dos problemas. Parece-me interessante aproximá-lo, por isso, da categoria %situações-limite+, que se reveste de grande importância na obra de Freire, particularmente em *Pedagogia do Oprimido* (2007, p. 104). Freire ponde-

Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias

ra que as situações-limite não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, [...] geradoras de desesperança. Segundo ele:

No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das situações-limite [...], através de ações que Álvaro Vieira Pinto chama de atos-limite (FREIRE, 2007, p. 104)

A categoria situações-limite Freire a assume de Álvaro Vieira Pinto, (1960, p. 283), que, por sua vez, a descobriu no filósofo Jaspers (1953 e 1987) e a adota por reconhecer a riqueza de significação que ela contém. Ao mesmo tempo entende, porém, que Jaspers usa esse conceito numa perspectiva individualista, subjetivista, pessimista, e se preocupa de reinterpretá-lo na ótica do processo histórico. É nessa perspectiva histórica que Paulo Freire o emprega. Poderíamos discutir se as críticas de Vieira Pinto são totalmente procedentes. O trazer, todavia, tal conceito para o campo da história amplia e dialetiza sua significação. Na *Enciclopedia Filosofica italiana* (1957), no verbete limite (Vol. III, p. 58), lemos:

É em Jaspers que é mais explícito o problema do limite, como uma experiência primordial, da qual nenhum ser humano pode subtrair-se, a experiência de certas situações, especialmente as situações-limite (*Grenz-Situationen*), como por exemplo a adversidade, a culpa, o sofrimento, a morte, as quais, denotando a radical finitude da existência humana, põem o problema da transcendência.

Em seu livro *Einführung in die Philosophie* (1949), traduzido como *Iniciação Filosófica* (1987), depois de afirmar que estamos sempre em determinadas situações (p. 19), Jaspers continua:

Há, porém, situações que se mantêm essencialmente idênticas, mesmo quando a sua aparência momentânea se modifica e se oculta a sua força avassaladora: tenho que morrer, tenho que sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa. A estas situações fundamentais da nossa existência damos o nome de situações-limite. Quer dizer que são situações que não podemos transpor nem alterar. (JASPERS, 1987, p. 19)

Paul Ricoeur também recorre à categoria situações-limite na sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, (2007), mais precisamente, no memorável Epílogo intitulado O perdão difícil (p. 463-512). Não se pode atribuir a Ricoeur a concepção individualista e subjetivista do conceito situações-limite, que Vieira Pinto atribui a Jaspers, pois a temática da culpabilidade e do perdão Ricoeur a discute tanto no plano individual quanto no coletivo, ao discorrer sobre o processo de perdão e de reconciliação nacional da África do Sul.

Balduino Antonio Andreola

Os problemas de que nos estamos ocupando neste artigo representam situações-limite de dimensões universais, planetárias ou cósmicas até. Uma humanidade que imaginou alcançar sua plena emancipação encontra-se hoje à beira da destruição total da vida no planeta. Perante tamanhas urgências cabe nos perguntarmos se haverá alguma saída para a humanidade, ou, em outras palavras, se ainda há esperança, se cabe falar em outro mundo possível.

Pedagogia das grandes convergências e da esperança

Um dia, numa conversa com Dom Paulo Moretto, bispo de Caxias do Sul, ele me disse que não podemos olhar de frente, durante muito tempo, para o mal, porque ele penetra em nós. O meu convite a um olhar crítico sobre as grandes urgências da barbárie e das situações-limite de nosso tempo teve como objetivo único o desafio de pensarmos alternativas, engajando-nos numa pedagogia das grandes convergências de ideias, iniciativas e projetos, que representam, no Brasil e no mundo, um processo imenso, no horizonte da esperança, para a construção de um mundo mais humano e solidário.

L. Boff (2006, p. 239), no Fórum Mundial de Teologia e Libertação, ponderou que o medo e a esperança andam juntos. As utopias, segundo ele, nascem para reforçar a esperança. Embora nunca se realizem totalmente, elas nos mantêm a caminho, como as estrelas, que orientam os navegantes, na visão poética de Mário Quintana, por ele citado:

Se as coisas são inatingíveis, ora!
Não é motivo para não querê-las.
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas.

E L. Boff conclui sua reflexão, dizendo que, na atual crise, vê surgirem duas utopias naturais à teologia da libertação: utopia da salvaguarda da Casa Comum, o planeta Terra, e a utopia da conservação da unidade da família humana (ibid.: p. 239).

Na minha Carta-prefácio ao primeiro livro póstumo de Paulo Freire (2000, p. 24) eu situei a *Pedagogia do Oprimido* como projeto político-pedagógico na constelação do que denomino Pedagogia das grandes convergências de líderes ou mestres famosos da humanidade do século XX, alguns vivos ainda, que dedicaram suas vidas e suas lutas por um projeto mais humano e solidário de mundo. Sem excluir outros, penso nos seguintes: Gandhi, João XXIII, Luther King, Simone Weil, Lebrecht, Franz Fanon, Che Guevara, Teresa de Calcutá, Dom Hélder, Dom Ivo Lorscheider, João Paulo I, Mounier, Teilhard de Chardin, Nelson Mandela, Roger Garaudy, Dalai Lama, Téovédjré, Betinho, Paramahansa Yogananda, Michel Duclerq, Fritjof Capra, Pierre Weil, Leonardo Boff, Paul Ricoeur e outros. Eu acrescentei que se a voz de Freire fosse uma voz solitária, a esperança tornar-se-ia difícil. O que fortalece nossa esperança é ver-nos engajados

num processo histórico de grande envergadura, com milhares de educadores, com muitos milhões de pessoas, no mundo inteiro, que lutam para a construção de um novo projeto de humanidade. As centenas de movimentos sociais, de organizações populares, de associações comunitárias, com seus intelectuais orgânicos, que se congregaram nas várias sessões do Fórum Social Mundial, são um dos sinais de que a esperança e a utopia podem fazer-se história. Uma nova civilização, mais humana, nasce penosamente do chão da terra das organizações sociais.

Em seu livro *Para um diálogo das civilizações* (1977), Roger Garaudy intitula o Capítulo V (p. 153-217) o projeto planetário. Perante a decadência de uma civilização ocidental que se julga superior, ele busca, nas civilizações de vários continentes, contribuições possíveis para um novo projeto civilizatório. Na África, ele descobre a promessa do homem total, formulada por Boubou Hama (GARAUDY, 1977, p. 163-168), na tentativa de síntese de todos os poderes do espírito e da matéria. Ainda na África, encontrou na Tanzânia (p. 168-179) o *ujamaa* (espírito de comunidade), palavra que significava, para o presidente Julius Nyerere, a utopia de um socialismo que não fosse de importação, mas sim banhado dos valores comunitários e cooperativos da africanidade.

Na Carta de Argel, de 1964, Garaudy via a decisão de uma via islâmica para o socialismo, e lembra também que a Carta nacional, aprovada em plebiscito em 1976, declara: Os povos do Terceiro Mundo têm sobretudo necessidade de um pensamento revolucionário que os devolva a si próprios [...] (1977, p. 179-182). Na Índia, Garaudy vê o *satyagraha* de Ghandi (1977, p. 182-198) como a maior inspiração para a utopia de uma nova humanidade, enquanto une a plena expansão pessoal do indivíduo e a máxima eficiência política numa luta libertadora como a que realizou a Índia (1977, p. 183). Na América Latina (1977, p. 198-205), Garaudy veio buscar inspiração em Paulo Freire, que considera o maior pedagogo do nosso tempo (1977, p. 198), e nas ideologias da libertação, sobre as quais declara: Pela primeira vez num movimento revolucionário, não se considera a fé como uma ideologia, mas como uma maneira de agir.

Em 1978, foi lançado, em Paris, um livro de autoria de um africano, Albert Tévoédjré, intitulado *A pobreza, riqueza dos povos*, o subtítulo, não menos significativo: *A transformação pela solidariedade*. A primeira edição brasileira saiu com prefácio de D. Hélder Câmana. Eu citei a segunda edição brasileira, em minha tese de doutorado (ANDREOLA, 1985). A terceira edição foi lançada durante o Fórum da Igreja Católica, em Porto Alegre, em 2007, com uma apresentação de D. Ivo Lorscheider, falecido em 2007, lembrado como o profeta da esperança. Dom Ivo referiu que o livro inspirou trabalhos importantes no Rio Grande do Sul, principalmente através da Cáritas/RS, e em Santa Maria com o Projeto Esperança e seus numerosos projetos alternativos. Lembrou também que o projeto da CNBB de 2002, intitulado Mutirão para superação da miséria e da fome, se inspirou na obra de Tévoédjré. As inumeráveis organizações alternativas promovidas pela Cáritas, em nível nacional, através dos Projetos Alterna-

Balduino Antonio Andreola

tivos Comunitários . PACs, que evoluíram depois para o movimento Economia Popular Solidária . EPS, estão documentadas em várias publicações, entre elas o livro da Cáritas (BERTUCCI; SILVA, 2003) *20 anos de economia popular solidária*.

No campo das organizações comunitárias, há o nome de um grande brasileiro, Clodomir de Moraes, cuja obra é reconhecida, como a de Freire, muito mais em outros países do que no Brasil, como é comprovado no livro *Um futuro para os excluídos* (CARMEN; SOBRADO, 2002).

Dos nomes citados na constelação das convergências em que vejo Freire, lembrarei agora dois, por uma convergência entre eles de grande importância histórica. Trata-se de N. Mandela e de P. Ricoeur. Mandela, o grande líder da luta contra o *apartheid*, na África do Sul, foi o principal responsável pela Comissão da Verdade e Reconciliação, trazida por Ricoeur como o exemplo mais importante, talvez único, na história da humanidade, do que ele denomina *o perdão difícil* (RICOEUR, 2007). Ao publicar, no ano 2000, sua obra *La Mémoire, L'histoire, Le Doulou*, agora em português (2007), acrescentou àquela edição o *Epílogo . o perdão difícil* (2007, p. 463-513), escrito sob a sensação da *urgência*. *O perdão difícil*, que aconteceu, na África do Sul, através de um processo nacional de reconciliação, Ricoeur o distingue radicalmente de um processo de *anistia*, como a que aconteceu, melancolicamente, no Brasil, no ocaso da ditadura. Ao trazer, no *epílogo* de seu livro, o exemplo da África do Sul, Ricoeur mostrou ser possível que a utopia se concretize na história. Anos antes ele propusera, num artigo memorável, a utopia de um *perdão difícil* como a única saída para a Europa, envolta em ódios milenares, que periodicamente prorrompem em guerras cruéis (RICOEUR, 1992).

A *reconciliação*, como uma exigência para a paz, é afirmada, em 2002, no 6º Fórum da Academia Universal das Culturas, cujo tema foi: *Imaginar a paz* (AHLMARK, 2006). Na abertura, o representante da Unesco, Elie Wiesel, depois de dizer que *as sequelas dos conflitos se transmitem de geração em geração*, afirmou que a cicatrização exige *um longo trabalho das sociedades sobre si mesmas [...]* e, sobretudo, que seja desencadeado o processo de *reconciliação* (Ib.: p. 19).

Anselm Grün, um grande mestre atual do perdão, em seu livro *Perdoa a ti mesmo* (2009, p. 76), escreve: *mesmo que não possamos transformar toda a sociedade, cada um de nós, em seu ambiente, é responsável pela sua ação de desagregação ou de reconciliação*. A reconciliação não pode acontecer sem o perdão. V. P. Ramírez (2008, p. 11), no livro *Reconciliação e perdão . segundo os ensinamentos de Anselm Grün* declara:

[...] não existe reconciliação sem perdão, e o perdão tem como finalidade a comunidade de vida reconciliada. O

Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias

homem de hoje é um ser fragmentado, interiormente dilacerado e dividido, que vive em guerra consigo mesmo e com os outros.

Se analisamos a história com atenção, ela nos mostra que as grandes tragédias humanas tiveram como atores principais pessoas realmente fragmentadas, interiormente dilaceradas. A História oficial esconde muitas realidades, através de um processo em que se juntam o excesso de memória e excesso de esquecimento. Basta ler o texto do remorso de Garibaldi (*Zero Hora*, 9/11/2009, p. 38), para nos darmos conta do excesso de memória (das glórias e grandezas), e do excesso de esquecimento (dos horrores) da Revolução Farroupilha. Lembrando o saque da vila Imaruí, ao norte de Laguna, e a carnificina em que o mesmo se transformou, escreveu, em suas memórias:

[...] Deus tenha de mim piedade e me perdoe, mas eu não me recordo na minha vida um dia que tivesse deixado em meu coração uma lembrança tão dolorosa como aquela: ninguém poderá fazer idéia da carnificina que faz padecer, quando se deixa livre o saque. [...] Eu jamais tive uma jornada de tanto remorso, de tanta náusea da família humana. (GARIBALDI, 2009, p. 38)

Os profetas do nosso tempo, citados por mim na Carta-prefácio ao livro póstumo de Freire (2000), deram o testemunho de suas palavras proféticas, mas sobretudo de seu engajamento na ação para um projeto de outro mundo. O Dalai Lama, um deles, no seu livro *Uma ética para o novo milênio* (2000, p. 194), proclama:

Se mudarmos internamente, desarmando-nos ao lidar de maneira construtiva com nossos pensamentos e emoções negativas, podemos literalmente transformar o mundo inteiro. [...] temos prontas muitas ferramentas poderosas para criar nossa sociedade ética e pacífica. Entretanto, o potencial de algumas delas não está sendo totalmente aproveitado.

Nessa perspectiva utópica de um mundo que pode ser transformado, vislumbro inúmeras realizações concretas, no Brasil e no mundo, mostrando que a esperança se faz história. Tenho diante de mim o livro intitulado *Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional* (CARVALHO, et al., 2006), um livro de uma série prevista denominada Sociedade e Solidariedade, que tem como objetivo publicar os estudos, as análises, as elaborações teóricas e as propostas concretas que apontem para as condições necessárias à superação do modelo dominante, para iniciativas que poderão construir uma sociedade diferente e melhor.

Uma proposta inovadora em nível de município é o livro de C. R. Brandão (2005) *Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos. Escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável*, escrito, a pedido de Marcos Sorrentino, pela Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente.

Balduino Antonio Andreola

Esta relação do meio ambiente com a educação oportuniza-me uma citação de Freire, que julgo de extremo alcance para esta problemática. Na Terceira Carta pedagógica, (2000, p. 65-67), indignado contra a desumanidade perpetrada pelos assassinos do índio pataxó Galdino dos Santos, Freire reúne, no seu grito final em defesa da vida e contra a barbárie, os temas da ética, da ecologia e da educação. Ouçamo-lo:

[...] o fato em si de mais esta trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. [...] A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador. Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. [...] Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Conclusão

Ao salientar, nestas minhas falas, a urgência extrema dos problemas, espero sensibilizar educadores e educadoras, embora no quintal restrito de meus diálogos e de minhas parcerias acadêmicas, para a ideia de que determinados temas devam preocupar-nos a todos, em todos os campos do ensino, da pesquisa e da ação pedagógico-política.

Finalizo com uma reminiscência de minhas origens. Lino Pitton era o vizinho mais próximo da minha família, na zona rural de Fazenda Sousa, no interior de Caxias. Ele morreu com 95 anos. Pouco tempo antes, queria fazer ainda a última das pescarias no rio Piaí, única diversão dele ao longo da vida. O filho não queria deixar. Pai+ dizia ele . Mãe+ vais cair daqueles peraus, e vais te matar, ou vais te afogar no rio+. O professor Odacir Rech disse um dia ao filho: Mãe talvez o último desejo dele. Vamos acompanhá-lo, e nada vai acontecer+. E a pescaria saiu. Na volta, chegados ao alto do morro, o velho patriarca virou para o Piaí, ergueu a mão direita, e abençoou o rio. Gesto sagrado, litúrgico, de um humilde agricultor. O pequeno agricultor, contrariamente aos latifundiários, tem com a terra, e com a natureza que a povoa, uma relação de amor. Ao abrimos a janela de nossa casa, pela manhã, por que não olharmos para a terra, num gesto ecológico-litúrgico, como casa de todos, jardim primordial e a Grande Mãe-Terra?

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AHLMARK, P. (Org.). et al. **Imaginar a Paz**. Brasília edições UNESCO & São Paulo, Paulus, 2006

ANDREOLA, B. A. **Emmanuel Mounier et Paulo Freire: une pédagogie de la personne et de la communauté**. Thèse doctorale, Louvain-la-Neuve, Université Catholique, 1985.

_____. Carta-Prefácio. In.: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

BARCELOS, V. Barbárie Global. In: ZIELINSKY, I. B. et al. (Orgs.). **Paz**: um vôo possível. Porto Alegre, AGE, 2004, p. 203-205).

BELLET, M. de <http://www.lemondedesreligions.fr/archives/2009/09/01/maurice-bellet-la-croyance-ne-supporte-pas-la-critique-alors-qe-la-foi-ne-peut-que-la-desirer,10143403.php> Tadução do Cepat. Retirado no dia 01/09/2011 em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=&task=detalhe&id=26981.

BERTUCCI, A. de A.; SILVA, R.M.A. (Orgs.). **Vinte anos de economia popular solidária**: trajetória da Cáritas Brasileira dos PACs à ERS. Prefácio Paul Singer. Brasília: Cáritas Brasileira, 2003.

BIRMAN, P.; LEITE, M.P. (Orgs.). **Um mural para a dor**: Movimento cívico-religioso por justiça e paz. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRANDÃO. C. R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**. Escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável. 2.ed. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

BOFF, L. **Saber Cuidar**: Ética do Humano . compaixão pela Terra. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, L. Duas utopias urgentes para o século XXI. In: SUSIN, L. C. (Org.). et al. **Teologia para outro mundo possível**. São Paulo, Paulinas. 2006 p. 239-244.

BRANDÃO. C. R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**. Escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável. 2ª Ed. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

CARMEN, R.; SOBRADO, M. **Um futuro para os excluídos**: Criação de empregos e geração de renda pelos pobres. Clodomir Santos de Moraes e o laboratório organizacional. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

CARVALHO DE FRANÇA FILHO, G. et alii (Orgs.). **Ação Pública e Economia Solidária**: uma perspectiva Internacional. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2006.

Centro di Studi Filosofici di Gallarate. **Enciclopedia Filosofica**. Instituto per la Collaborazione Culturale. Venezia . Roma. 1957.

Balduino Antonio Andreola

COQ, G.; RICHEBÉ, I. **Petits pas vers la barbarie...** Paris: Press de la Renaissance, 2002.

DALAI LAMA. **Uma ética para o Novo Milênio**. 5.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FRANÇA FILHO, G. C. de; LAVILLE, Jean-Louis; MEDEIROS, A.; MAGNEN, Jean-Philippe (Orgs.). **Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Prefácio de Leonardo Boff. 12.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 46.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARAUDY, R. **Para um diálogo das civilizações**. O Ocidente é um acidente. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

GARIBALDI, G. Memórias. Citado In: **Zero Hora**, Porto Alegre, 09/11/2009: p. 38.

GRÜN, A. **Perdoa a ti mesmo**. Trad. Márcia Neumann. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GRUPO DE APOIO À INTERCOMUNICAÇÃO. **A caminhada da América Latina rumo à democracia e à libertação**. Encontro Internacional. São Paulo: Editora da PUC, 1986.

HINKELAMMERT, F. J. **Crítica à razão utópica**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

JASPERS, K. **Iniciação filosófica**. Coleção Filosofia & Ensaio. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

_____. **La Filosofia: Desde el punto de vista de la existencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1953.

LAS CASAS, F. B. **O Paraíso Destruído: brevíssima relação da destruição das Índias**. Trad. Heraldo Barbuy. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001.

MATTÉI, Jean-François. **A barbárie interior: Ensaio sobre o i-mundo moderno**. Trad. Isabel M. Loureiro. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MELLO, T. de. Estou seguro. **Poesia comprometida com a minha e a tua vida**. Pequena história natural do homem no fim que vem vindo do século vinte. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MENEGAT, M. **O olho da barbárie**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia de Bolsillo**. Compilado por Priscila Cohn. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

MOUNIER, E. **O personalismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. Les certitudes difficiles: V. Du bonheur. In: **Oeuvres de Mounier**, Tome IV. Paris: Seuil; 1963. p. 259-281.

_____. Les certitudes difficiles: Du bonheur. In: **Oeuvres de Mounier**, Tome IV. Paris: Seuil; 1963. p. 259-281.

_____. La Petite Peur du XX Siècle. **Oeuvres de Mounier**, Tome III. Paris: Seuil, 1962. p. 339-425.

TUNEL DO TEMPO. O remorso de Garibaldi. Zero Hora. 9 de novembro de 2009, p. 38.

TUNEL DO TEMPO. O remorso de Garibaldi. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 9 de novembro de 2009, pág. 38.

PINTO, Á. V. **Consciência e realidade nacional**. A consciência crítica. 2º v. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960.

RAMÍREZ, V. P. **Reconciliação e perdão**: Segundo os ensinamentos de Anselm Grün. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2008.

RICOEUR, P. **História e verdade**. Tradução de F. A. Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

_____. O perdão difícil (Epílogo). In: **A memória, a história, o esquecimento**. p. 463-512. Tradução: Alain François [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. [Original francês: La mémoire, l'histoire, l'oubli. Paris, Seuil, 2000.]

_____. Il nuovo *ethos* per l'Europa. **Prospettiva/persona**, n. 1/2, p. 15-21. Teramo: Edizioni Demian, luglio/dicembre, 1992.

ROUANET, S. P. **Mal-estar na Modernidade**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARRIA ICAZA, A. M.; FREITAS, M. R. de (Orgs.). **O projeto esperança/coesperança e a construção da economia solidária no Brasil**. Relato de uma experiência. Porto Alegre: Cáritas Brasileira, 2006.

SUSIN, L. C. (Org.). **Teologia para outro mundo possível**. Trad. Luis Marcos Sander e Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2006.

Balduino Antonio Andreola

TÉVOÉDJRÉ, A. **A pobreza, riqueza dos povos**: a transformação pela solidariedade. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERÍSSIMO, L. F. **O Mundo é bárbaro**: e o que nós temos a ver com isso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

_____. O fim do jogo. **Zero Hora**. Porto Alegre, 21/junho de 2011, p. 2.

ZERO HORA. **Túnel do tempo**: o remorso de Garibaldi. Porto Alegre, 9 de novembro de 2009, pág. 38.

ZIELINSKY, I. B. (Org.). **Paz**. Um vôo possível. Porto Alegre: AGE, 2004.

ZUIN, A. Á. S. et al. (Orgs.). **Adorno**: o poder educativo do pensamento crítico, 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

Nota

¹ Este trabalho se insere num Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq, e contou com a colaboração das acadêmicas Gisélia Monteiro Padilha e Caroline Vigel, do Curso de História do UNILASALLE, bolsistas respectivamente IC do CNPq e ABI do UNILASALLE.

Correspondência

Balduino Antonio Andreola . Av. Victor Barreto, 2288, CEP: 92010-000, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: balduinoandreola@yahoo.com.br

Recebido em 18 de maio de 2011

Aprovado em 27 de julho de 2011